

João Camilo de Oliveira Torres – História do Brasil

Ambos apoiavam a República, mas Paulo queria mais do que ela era, e Pedro achava que era bastante e sobeja.

Esaú e Jacó, de Machado de Assis

Em 1792, enquanto a cabeça de Tiradentes permanecia espetada em uma lança na principal praça de Vila Rica, entre o Palácio do Governador e a Casa da Câmara e Cadeia¹, Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos, nascido em Portugal e criado no Brasil, discursava, como primeiro vereador, sob a temática da fracassada Inconfidência Mineira, na qual ele mesmo havia sido investigado por suposta participação nas reuniões sediciosas, apoiando seus dois companheiros Tomás Antônio de Gonzaga e Cláudio Manoel da Costa, agora condenados nos Autos da Devassa. Três anos depois nasceria seu filho, Bernardo Pereira de Vasconcelos, que ao completar 18 anos foi enviado para Coimbra, onde outros 230 brasileiros já estudavam, e dentre os quais muitos seriam a elite da política brasileira nas décadas seguintes, como Costa Carvalho e João Bráulio Muniz, que compuseram a regência trina, Caetano Maria Lopes Gama e Manuel Antônio Galvão, futuros ministros e Cândido José de Araújo Viana, futuro tutor de Pedro II. “Coimbra foi o viveiro dos políticos do Primeiro Reinado e da Regência”, como bem anotou José Murilo de Carvalho, cientista político autor de diversos títulos no Brasil².

O jovem Vasconcelos que voltava de Coimbra era um rapaz de aparência nada imponente, muito ao contrário teve sua vida política marcada por força esplêndida na tribuna da Câmara e debilidade física na poltrona da qual utilizava para sentar-se e discursar em meio às terríveis dores de coluna que terminariam por colocá-lo paraplégico. Os extremos foram as grandes marcas biográficas desse homem que nasceu para a política como arauto do pensamento Liberal no Brasil, e terminou como “Regressista” (em suas próprias palavras), aos olhos de quem via, era um frágil enfermiço, aos ouvidos de quem ouvia era terrível a ponto de seus inimigos políticos forjarem a expressão “o Vasconcelos caiu-lhe em cima”, utilizada para definir alguém que havia sido surrado em debate na Câmara ou na Imprensa. Encampou a luta pelo pensamento Liberal no Brasil diante da postura autoritária de D. Pedro I, e terminou sua vida política como intransigente defensor do utilitarismo do trabalho escravo no Brasil do séc. XIX. Acompanhar a biografia (e discursos) de Bernardo Pereira de Vasconcelos é ver Pedro e Paulo, Esaú e Jacó, encarnados em um dos mais célebres deputados de nossa história.

E foi justamente na Independência do Brasil, processo histórico que se estendeu de 1821 a 1825, que Vasconcelos se fez presente, em meio à subida dos Liberais ao poder e a queda dos conservadores – todos subindo e descendo enquanto os republicanos assistiam, à espreita –, evento histórico ilustrado por Machado de Assis em seu mais pretensioso romance. Vendo que o Brasil estava ficando para trás na marcha da História, os liberais brasileiros, dentre os quais Bernardo Pereira de Vasconcelos e seu companheiro de Tribuna Evaristo da Veiga, lutaram uma luta política feroz e corajosa contra a manutenção da ordem monárquica no Brasil do início do século XIX, e entenderam que a única forma de libertar o Brasil do corolário de poder

¹ Ver relato minucioso em *O Tiradentes*. Uma biografia de Joaquim José da Silva Xavier. Companhia das Letras. São Paulo, 2018. Parte XI, a execução.

² CARVALHO. J. M. *Bernardo Pereira de Vasconcelos*. Editora 34. São Paulo, 1999.

português seria por meio de uma transição entre o poder régio e o poder democrático: era o momento de tornar o Brasil uma Monarquia Parlamentarista.

“Fui liberal; então a liberdade era nova no país, estava nas aspirações de todos, mas não nas leis, não nas idéias práticas; o poder era tudo: fui liberal”³

Os Liberais se lançam então em um dos tantos golpes políticos aplicados no Brasil (este fartamente registrado em nossa História) e em julho de 1940 o Partido Liberal consegue pôr fim ao período regencial brasileiro, declarando D. Pedro II, que contava então com apenas 14 anos, apto a reinar no Brasil e, assim, caíam do poder os regentes moderados e conservadores que dominavam a regência por meio de Araújo Lima, o último dos regentes do Império. Iniciava-se no Brasil um período em que não mais se destacaria a figura do Imperador, mas do políticos que “governavam de fato”, representados pelo Gabinete do Império, nome dado ao conjunto de ministérios que compunham o poder político real em um tempo que no Brasil experimentava-se o Parlamentarismo. A Política brasileira caminhava rumo à entrega do poder aos brasileiros desligados de Portugal, e até a golpe militar de 1889, os Liberais, Progressistas e Conservadores guerreariam no tempo de maior insânia política do Brasil.

O liberalismo em Minas

“O caráter democrático da Constituição do Império ofereceria aos mineiros oportunidades notáveis para porém em prática seu amor nunca desmentido à liberdade.”⁴

O enforcamento de Felipe dos Santos, em Mariana, no ano de 1720, não foi um acontecimento que iniciou a luta pela liberdade dos mineiros, mas antes a expressão do espírito de liberdade que estava imiscuído aos nascidos em meio ao comércio, a mineração e o trabalho nas fazendas de café e produção de leite. O espírito liberal que movia a França, movia não uma cultura, mas a espécie humana em busca do fim das monarquias e início das democracias. Não havia mais lugar para a liderança paternal em um mundo de famílias tão agigantadas como as sociedades desenvolvidas em torno de grandes centros urbanos. A democracia é um movimento sociológico antes de ser um evento político.

Com essa natureza liberal, tanto Bernardo Pereira de Vasconcelos como também outros grandes nomes da política brasileira, à semelhança de Teófilo Otoni, cognominado “ministro do povo”, de popularidade elevada tanto em Minas quanto no Rio de Janeiro. Foi Otoni quem organizou uma companhia para desbravamento do vale do rio Mucuri, região habitada por populações indígenas que foram “amansadas” pelo político por meio do processo de “paz e mansidão” dos jesuítas, o que lhe valeria o título dado pelos próprios indígenas: o capitão das mãos brancas. O povoamento do vale foi realizado com sucesso e ali ergueu-se o povoado de Filadélfia – que em 1876 teria seu *status* elevado a Cidade, passando a se chamar Teófilo Otoni).

Ainda outro nome se destacaria na política do Segundo Reinado, o do visconde de Ouro Preto, Afonso Celso de Assis Figueiredo. Destacado por sua bravura, foi Ministro da Marinha durante

³ A frase histórica registrada por José Pedro Xavier da Veiga e Joaquim Nabuco perdeu-se nos *Anais* da Câmara, restando apenas como citação de ambos os autores aqui mencionados.

⁴ João Camilo, *A História de Minas*, Capítulo 15 “O liberalismo em Minas”.

a Guerra do Paraguai e responsável por uma sequência heroica de vitórias nos rios paraguaios. Além de suas qualidades como combatente, o visconde de Ouro Preto entraria para a história do Brasil também como escritor, uma vez que ainda hoje seus livros sobre a Marinha de Guerra e sobre a História do Brasil são estudados com interesse.

A respeito da popularidade dos liberais mineiros constatada em vitórias nas eleições do Império, João Camilo destaca:

Nas eleições de 1881, 14 liberais e 6 conservadores. Em 1885: 12 liberais, 7 conservadores e 1 republicano; em 1886: 11 liberais e 9 conservadores. Neste pleito, os conservadores haviam obtido estrondosa vitória – os liberais, em todo o país só fizeram 22 deputados – a metade em Minas.

O gerenciamento das guerras

Acontece, porém que, com a abdicação de D. Pedro I em favor de seu filho de apenas cinco anos, o Brasil passa a viver então uma década de regências que, comprovando a necessidade da autoridade paternal em qualquer núcleo humano, foi marcada pela total ausência de hierarquia nas províncias. O Brasil passa então a se tornar palco de uma série de guerras simultâneas nos quatro cantos do País. Os Liberais e moderados que, durante a regência, tentavam por meio do espírito de apaziguamento acabar com os conflitos, foram expulsos pelo fracasso e tiveram de ceder lugar aos Conservadores, representados na pessoa de Araújo Lima, que chegando à Regência traz Bernardo Pereira de Vasconcelos ao Ministério da Justiça e fecha a década de 40 com o fim dos conflitos pelo país.



Figura 1 – Quatro grandes conflitos que tomaram o Brasil durante o Período Regencial

Com a “maioridade” concedida a Pedro de Alcantara, os Liberais novamente voltam ao poder no início do Gabinete do Império⁵, com três gabinetes seguidos que, juntos, não duraram apenas um ano. O Brasil ainda não estava apaziguado em espírito, apenas em aparência, os revoltosos amazônicos, maranhenses, baianos e sulistas... todos continuavam, ainda quem em suas casas, revoltados internamente com a falta de união nacional, bastava uma centelha para o barril de pólvora explodir novamente. Os Conservadores são, mais uma vez, chamados ao poder e o mesmo Pedro de Araújo Lima que no Período Regencial havia colocado fim nos conflitos, é empossado como Primeiro-Ministro no dia 29 de setembro de 1848. Estava formado o Gabinete Olinda, que contava com Eusébio de Queirós como Ministro da Justiça⁶.

A saída dos liberais da linha de frente da política do Império foi suficiente para fazer explodir em Minas Gerais o evento que ficou conhecido como As Revoltas Liberais de 1842. Com Vasconcelos liderando os Conservadores no poder, Padre Feijó que à essa altura já estava aposentado em seu sítio na região de São Carlos (atual Campinas) vê-se novamente motivado a voltar à ativa, e mesmo preso à uma cadeira de rodas, o padre segue para Sorocaba onde

⁵ Para a lista dos primeiros Presidentes do Conselho de Ministros, ver https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_primeiros-ministros_do_Brasil

⁶ Eusébio de Queirós, junto com o Visconde de Itaboraí e o Visconde de Uruguai, formou o grupo que viria a ser conhecido como “a Trindade Saquarema”, importante representação do pensamento conservador de seu tempo.

passa a organizar uma resistência e conspirar para dar um Golpe de Estado e tirar, pelo braço, os Conservadores do poder.

É em Minas, porém, que a nova revolução tomaria grande vulto, com a criação imediata de um governo interino, contando inclusive com a adesão de diversos municípios. O “governo intruso”, como ficou conhecido o movimento político na nova revolução mineira, chegou a dominar grande parte do território mineiro, e funcionou organizado como se Minas fosse mesmo um país separado do império regressista de Vasconcelos. Para não dar ares de “Independência irrestrita”, os líderes do movimento declaram que são defensores da Constituição e devotos de obediência ao Imperador, mas que não coadunam com o governo conservador por este ser o regresso ao velho mundo que o tempo exigia tornar passado. A revolução mineira prossegue armada, mas como movimento político pois nem um tiro sequer havia sido disparado até a movimentação das tropas revolucionárias para a cidade de Santa Luzia, onde já reforçadas com a presença do ilustre Teófilo Otoni, as tropas são revigoradas com a perspectiva de repetir, em solo mineiro, uma grande revolução republicana americana. É quando o exército do império, tendo à frente o Barão de Caxias – general especialista em combates de revolução –, marcha para a cidade mineira e, após uma violenta batalha, derrota os revoltosos e prende seus líderes.

Se no campo de batalha do Rio das Velhas os Liberais foram derrotados, no campo de batalha da Câmara dos Deputados, os agora chamados “Luzias” conquistaram grandes vitórias graças ao sangue e suor dos combatentes mineiros: D. Pedro II arrefeceu a força conservadora na Capital, e atenuou algumas das reformas dos regressistas que estavam no poder com Bernardo Pereira de Vasconcelos.

Chega a República em Minas Gerais

Com a chegada da notícia de que no Rio de Janeiro, Deodoro depusera o imperador, Minas responde com surpresa. Não estava em andamento um movimento que assinalaria tal mudança de regime, tudo caminhava para uma entrega do poder aos brasileiros, e o parlamentarismo já experimentado mostrava ao povo brasileiro uma nova paixão, acompanhar “o destino do país” olhando para as movimentações do Congresso.

Na confusão que foram os primeiros anos do Brasil República, muitos interventores foram enviados do Rio para Minas Gerais, e políticos mineiros foram de vital importância para a adaptação do país ao novo modo de gestão. Cesário Alvim, militando no Partido Liberal e inimigo declarado do Visconde de Ouro Preto, ao saber que este fora chamado para organizar o governo, passou imediatamente para o Partido Republicano para poder fazer oposição política na nova formatação do Estado brasileiro. Para a Capital Federal, pacificar a relação com Minas Gerais era de primeira importância, pois quando do golpe militar do Marechal Deodoro, quem estava no comando do país era justamente Ouro Preto, e aquela deposição dos militares não derrubou apenas o imperador, que ninguém mais via como chefe de governo, mas o mineiro que comandava o país bravamente. É então que Afonso Pena toma a frente da política mineira e atua como líder da Constituinte de Minas Gerais, reorganizando o estado para o novo tempo republicano do país. É criado então o Partido Republicano Mineiro, abrigo para os Conservadores e os Republicanos, agora unidos debaixo de uma sigla partidária.

No novo tempo do País a esperança é a palavra popularizada, o vocábulo pregado em todos os estados à busca de um novo horizonte de prosperidade, afinal essa é a promessa dos progressistas que lutam pelo fim das monarquias. Apenas duas décadas bastam para florescer no Brasil um novo movimento artístico, e o Modernismo vem com todos os quesitos

necessários para um movimento criado e organizado com o objetivo de fazer sucesso: tema popular, adesão por parte da imprensa e apoio da classe artística. Minas então se faz presente com grandes nomes da história da arte brasileira como Carlos Drummond de Andrade, Otto Lara Resende, Darcy Ribeiro e Guimarães Rosa.

A política como paixão nacional

*“O Brasil, a partir do ano de 1922, em que se comemorou o centenário da Independência, entrou em faz de agitações sem fim, com revoltas de todos os tipos, estourando de todos os lados. Surgiam correntes novas e havia, por toda a parte, a preocupação de modificar o sistema político vigente do país, que não satisfazia mais às novas gerações e a muitos elementos mais radicais. Esta agitação, da qual ainda não saímos, encontraram os mineiros em posição de defesa, não somente por estar em jogo um político de Minas, o sr. Arthur Bernardes, como também por serem informes e confusas as aspirações de libertação, tendentes mais a uma fase de anarquia do que a uma reforma construtiva”.*⁷

No golpe militar de 1899, um mineiro estava à frente da nação e foi derrubado, agora, ao comemorar o centenário da Independência o Brasil se vê novamente diante do desejo de mudança, e novamente o povo mineiro está a ponto de perder um líder à frente da nação. Arthur da Silva Bernardes, mineiro de Viçosa, foi o 12º Presidente do Brasil e liderou o País em um momento de tensão com a ameaça revolucionária, tendo de enfrentar inclusive a Coluna Prestes e o movimento tenentista com o Levante do Forte de Copacabana. Sempre de armas na mão, o então presidente trabalhou junto com o apoio de outro grande presidente, o da Província de Minas Gerais, Raul Soares, e juntos evitaram o que certamente seria a tomada do Brasil pelos revolucionários progressistas.

O Brasil estava à beira de uma nova erupção social e, novamente, vem de Minas as jogadas que irão compor a mesa de decisões para um novo tempo. Já sendo o Presidente da República, o político da província do Rio de Janeiro, Washington Luís, sucessor de Arthur Bernardes, o político mineiro Antônio Carlos decide levantar um candidato de peso para guiar o Brasil em um novo tempo de renovação, assim escolhe o governador do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas, para enfrentar a situação nas urnas. O candidato escolhido pelos governantes é Júlio Prestes, que contava então com o apoio de todos os governos estaduais do Brasil, com exceção de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba.

Com o sucesso de popularidade de Júlio Prestes, o Partido Republicano Mineiro se revolta, e ao perder a disputa eleitoral decide que o rompimento do acordo (de bastidores) no qual Minas Gerais revezava o poder com o Rio de Janeiro, é motivo para que todas as regras sejam abandonadas, e a questão seja resolvido pela força. Os três estados perdedores não tinham números, mas tinham grandes publicistas que, assim como Joaquim José da Silva Xavier, sabiam correr o país reunindo jovens dispostos a dar a vida em um jogo de guerra. Explode então em 3 de outubro de 1930 a revolução que em menos de um mês coloca Getúlio Vargas no poder.

Durante algum tempo o regime ditatorial, chamado “Estado Novo”, não encontrou oposições sérias, ainda mais que, como acontece muitas vezes, embora houvesse

⁷ Minas e as grandes lutas, cap. 26.

destruído a liberdade de que gozavam os brasileiros desde os dias da Independência, não deixava de ter o seu lado de vantagens positivas, com algumas iniciativas de real valor para o progresso do país e bem-estar do povo”⁸.

O mundo viu chegar ao fim a II Guerra Mundial, e em 1945 não era apenas no Brasil que se respirava novamente um ar abafado, e todos ansiavam mais uma vez por um novo tempo com novos rumos a seguir. E é nesse cenário que o mesmo grupo de mineiros apoiadores do antigo governo Arthur Bernardes, unindo-se ao ex-presidente, articulam um manifesto que provocou imensa repercussão em todo o país, o “Manifesto dos Mineiros”. Chega ao fim a ditadura de Vargas e o país volta à Democracia ainda em 45, glória com a qual se coroariam os mineiros ao verem eleito Presidente do Brasil um nome de grande popularidade no país, o mineiro de Diamantina Juscelino Kubitschek, em 1956.

Fernando Melo
Brasília, 12 de fevereiro de 2022

⁸ Minas e as grandes lutas políticas, Cap. 26.